



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE
HUMANIDADES CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

DO MEU LUGAR À ESCRITA DO MEU EU: RETALHOS DA VIDA DE UMA
ESPERANCENSE, DA INFÂNCIA ATÉ SUA EXPERIÊNCIA DOCENTE NO MUNICÍPIO
DE ESPERANÇA- PB.

MARÍLIA EMANUELA SANTOS SILVA

CAMPINA GRANDE - PB

2024

MARÍLIA EMANUELA SANTOS SILVA

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Regina Coelli Gomes Nascimento

CAMPINA GRANDE - PB

2024

MARÍLIA EMANUELA SANTOS SILVA

DO MEU LUGAR À ESCRITA DO MEU EU: RETALHOS DA VIDA DE UMA
ESPERANCENSE, DA INFÂNCIA ATÉ SUA EXPERIÊNCIA DOCENTE NO MUNICÍPIO
DE ESPERANÇA- PB.

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado em _ / _ / _ com o conceito

Prof.ª Dr.ª Regina Coelli Gomes do Nascimento Orientadora

Prof.ª Dr.ª Silêde Leila Oliveira Cavalcanti
Banca Examinadora

Prof. Ma. Cristiane Raposo Sousa Araújo
Banca Examinadora

Dedico este trabalho a Dalvina dos Santos Silva e David Gonçalves da Silva, meus amados pais que nunca mediram esforços apesar de todas as dificuldades que enfrentamos para oportunizar educação, amor, cuidado e carinho aos três filhos. Hoje juntos, conquistamos um sonho e sou grata a Deus por tê-los ao meu lado como testemunhas dessa vitória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ser meu ponto de equilíbrio, fé e perseverança nesses longos anos de caminhada durante toda graduação e vida acadêmica.

Aos meus estimados pais por todo incentivo e investimento na minha educação e formação pessoal, por serem meus maiores apoiadores em todos os sentidos da minha vida.

As minhas tias Geralda, Dalvanira e Malvina (In memoriam) que sempre me deram força, conselhos e foram meus maiores espelhos na caminhada por sua personalidade e determinação.

Aos companheiros de graduação Kaio Samuel, Anderson Oliveira, Letícia Aves e Raimundo por todos os momentos compartilhados, sejam eles de angústia ou de muita alegria. Vocês conseguiram fazer os dias serem mais leves mediante toda turbulência que é a universidade.

Ao meu esposo Dennis que com sua mansidão sempre me orientou a buscar mais e mais, me dando força e total apoio.

Em especial gostaria de agradecer ao meu amigo e verdadeiro irmão Diaciz Alves de Oliveira, por não ter soltado nunca minha mão durante todo o curso, por ter chorado comigo e me permitido ganhar uma amizade verdadeira que levarei para a vida. Foi você que sempre me deu forças e ânimo para não desistir, que sempre me ajudou nos assuntos mais difíceis e que trazia paz em minha alma durante todo processo doloroso. Além de um diploma, a UFCG me trouxe um dos melhores presentes de minha vida, sua amizade.

Por fim deixo meus mais sinceros agradecimentos as três mulheres mais humanas que conheci na instituição, a professora Michelly Cordão que sempre nos tratou com igualdade, respeito e carinho, a professora Silêde Leila que na época me deu as boas-vindas ao curso de História onde era coordenadora e sempre me auxiliou com humildade e paciência.

Por fim a professora Regina Coeli Gomes Nascimento, uma mulher que levarei como espelho por seu profissionalismo, caráter, simplicidade e acima de tudo, humanidade tratando a todos com empatia e sempre disposta a nos ajudar como verdadeiros filhos.

“Se queres prever o futuro, estuda o passado”

Confúcio.

RESUMO

Nesta pesquisa tenho como objetivo, fazer um resgate através de minhas memórias e com base nas fontes administradas, trazer um relato de minha experiência da infância até a vida profissional, usando como referência uma parte da trajetória vivida por mim na minha cidade natal, Esperança, que fica localizada no agreste paraibano, a 149km da capital João Pessoa. Proponho assim, percorrer com minha escrita os caminhos que tracei no âmbito da educação que me conduziram a escolha pela docência. A documentação selecionada tem como base fotografias, documentos e depoimentos que servirão como fontes de fomentação e direcionamento. A escolha do tema foi motivada entre outras coisas, pela minha identificação e amor ao lugar em que vivo, buscando assim, elaborar um trabalho que relacione a minha história dentro da história da minha amada Esperança. Em minhas análises dialoguei com alguns autores, a exemplo de Paulo Freire com suas reflexões sobre o papel da educação e dos educadores no processo educativo dentro da sociedade, assim como as contribuições e reflexões abordadas por Larrosa a respeito da prática na carreira docente.

Palavras-chave: Educação, Esperança, História

ABSTRACT

In this research, my objective is to rescue through my memories and based on the sources administered, to bring an account of my experience from childhood to professional life, using as a reference the entire trajectory lived in my hometown, Esperança, which is located in rural Paraíba, 149km from the capital João Pessoa. I therefore propose, with my writing, to follow the paths I traced in the field of education that led me to choose teaching. The selected documentation is based on photographs, documents and testimonies that will serve as sources of encouragement and guidance. The choice of the theme was motivated, among other things, by my identification and love for the place where I live, thus seeking to create a work that relates my story within the story of my beloved Esperança. In my analyses, I dialogued with some authors, such as Paulo Freire with his reflections on the role of education and educators in the educational process within society, as well as the contributions and reflections addressed by Larrosa regarding practice in the teaching career.

Keywords: Education, Hope, History

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. CAPÍTULO I - DA MINHA ORIGEM AS COISAS QUE VIVI	11
2.1 O Início de Tudo: Minhas experiências pessoais e escolares na Princesa do Agreste.....	12
2.2. A Primeira Fase Escolar.....	15
2.3 O Sonho Chamado IFPB.....	19
2.4 Das experiências formativas no Colégio Estadual Monsenhor José da Silva.....	20
Coutinho a escolha pela docência.	
3. CAPÍTULO II –: CAMINHOS E (DES)CAMINHOS NA FORMAÇÃO DOCENTE.....	25
3.1 Bem-vinda a UFCG.....	25
3.2 Os Desafios do Trajeto Diário.....	28
3.3 Acidentes de Percuro: Pandemia x Cirurgia.....	29
4. CAPÍTULO III- PRÁTICA DOCENTE NO MUNICÍPIO DE ESPERANÇA-PB.....	32
4.1 Apresentando a Escola Fabricio Batista de Araújo.....	32
4.2 Atuação Docente: Professora Marília.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
6. REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão do curso de licenciatura em História, disserta sobre memórias e experiências compartilhadas por mim da infância até o tempo presente, fazendo ênfase nas vivências educacionais (ensino infantil, ensino fundamental I, fundamental II e ensino médio) alongando-se a formação como professora no curso de História da Universidade Federal de Campina Grande até a experiência docente iniciada no município de Esperança-PB.

Com maior parte das vivências desenvolvidas no agreste paraibano, na oportunidade, pretendo refletir sobre o município de Esperança, lugar onde nasci e me criei, como berço maior da narrativa escrita, construindo a partir desse lugar a minha formação escolar e os caminhos que me conduziram a escolha pela docência voltada a área de História.

Para a composição desse relato de experiência, fez-se necessário mergulhar entre as lembranças, organizando-as de maneira seletiva afim de apresentar um melhor entendimento dos acontecimentos narrados que foram marcados por uma forte inspeção a fim de elucidar com clareza a trajetória dos fatos que me conduziram a expor através da escrita os principais recortes da minha vida.

Embasados pelas fontes que evidenciam os acontecimentos dos fatos, apodero-me principalmente do recurso fotográfico, fontes de natureza visual que permite resgatar a memória por meio das imagens, possibilitando ao usuário/a visualizar recortes do passado. Explica Le Goff (2003, p. 419) "A Memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas".

Com esse regate proporcionado pela fotografia capaz de reconstruir a memória por meio da recuperação de dados fragmentados nas imagens capturadas, informações possíveis de representação, dialogo com Kossoy (2002, p.15):

A fotografia é uma forma de expressão cultural, na qual foram registrados do tempo, aspectos como religião, costumes, habitação, enfim acontecimentos sociais de diversas naturezas, foram objetos documentados através da imagem.

As pesquisas bibliográficas, por meio de bibliotecas online: livros, artigos, alinhada as fontes documentais em junção com as conversas familiares informais, se unem nesse ensaio como “divisores de água” dando suporte historiográfico na concepção do relato.

O referencial teórico -filosófico se construiu a partir das concepções evidenciadas pela pedagogia libertadora de Paulo Freire, reflexionando a educação, objeto que possibilite autonomia como uma prática de liberdade. E o conceito de experiência defendido por Jorge Larrosa como algo que possui capacidade transformadora.

A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberarmos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo. (LARROSA; KOHAN, 2011, p. 5)

Organizado estruturalmente em três capítulos, discorro no primeiro acerca das experiências pessoais ocorridas no município de Esperança-PB que percorrem minhas origens (nascimento), evocando o início do percurso discente Educação Infantil, Ensino Fundamental na escola pública e Ensino Médio cursado entre o IFPB e a escola estadual Monsenhor José da Silva Coutinho, até a escolha profissional.

No segundo, apresento meu olhar a respeito das vivências no curso de História, elemento da formação docente. As contribuições adquiridas, os autores trabalhados, as dificuldades e intercorrências que surgiram no meio da trajetória, assim como as amizades e teorias descobertas e experiências compartilhadas.

Por fim, no terceiro, dedico a prática de ensino, vivenciada na Escola de Ensino Fundamental Fabrício Batista de Araújo, zona rural da cidade de Esperança-PB, buscando relacionar a experiência docente iniciada no segundo semestre de 2019, com o suporte proporcionado pela formação na Universidade Federal de Campina Grande, trazendo os principais pontos que formaram e ainda formam a minha construção como professora. As dificuldades, metodologias e aportes teóricos que me auxiliaram nessa vivência de ensino.

CAPÍTULO I - DA MINHA ORIGEM AS COISAS QUE VIVI

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”. Marthin Luther King

Dotados de histórias e aventuras, nós, sujeitos históricos que somos, traçamos em nosso caminho, do berço até nossa morte, um apanhado de acontecimentos movidos entre passado e presente que trará no futuro o seio das lembranças de tudo que foi vivido. Escrever sobre si, antes de tudo é resgatar no íntimo da nossa alma, as marcas da nossa história que se faz construída por momentos profundos, regados de alegrias e muita dor.

Compreendendo que os arquivos da nossa memória são seletivos e que nossas lembranças são desenhadas por “aquilo que nos toca” como diria Jorge Larossa (2002, p. 21) a experiência é aquilo que "nos passa", ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma.

Basearei minha escrita nos acontecimentos mais importantes e preservados em minha mente, que foram revisitados neste exercício da escrita e que trouxe um passado de acontecimentos que ressignificam meu presente como mulher, estudante e professora que luta diariamente para que o melhor seja feito.

Menina, pobre e sonhadora, me apresento como Marília, esperancense, paraibana, brasileira, e neste capítulo me deterei a tecer em palavras as memórias construídas a partir do meu lugar de origem que vão do berço até a escolha profissional, mostrando como meu caminho foi banhado de superação, resiliência e sonhos que conduziram as escolhas que serão apresentadas nessa escrita.

Pensando a escrita como ferramenta problematizadora, trago aqui alguns momentos marcantes da minha infância dentro dos referenciais ligados à minha família e iniciação escolar, usando como fontes fotografias, documentos e imagens que me possibilitarão base a pesquisa que tem como principais referenciais teóricos-filosóficos, a pedagogia libertadora de Paulo Freire e o conceito de experiência pensado por Jorge Larrosa no caminho da prática

docente onde se transcorre a capacidade em torno da formação que permite uma transformação.

O início de tudo: Minhas experiências Pessoais e Escolares na Princesa do Agreste

Toda história que se preze passa em um cenário, a minha começa no município de Esperança. Cidade com 31,231 habitantes, segundo dados atualizados do IBGE 2022, e está localizada na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro a cerca de 159 km da capital João Pessoa. A princípio, terra protegida e povoada pelos nativos índios cariris da tribo Banabuyê, recebeu vários nomes até sua emancipação no dia 01 de dezembro de 1925.



Figura 1: Brasão de Armas da Cidade de Esperança

Fonte: <https://www.esperancareeditada.com>

Esperança é parte essencial da minha construção historiográfica, pois foi neste lugar que tudo da minha trajetória de vida começou, me permitindo viver os melhores e piores momentos da minha vida

Nasci no dia 07 de novembro de 1997 na cidade de Esperança, mais precisamente na casa de saúde e maternidade São Francisco de Assis, conhecida popularmente como “Hospital das Freiras” uma unidade de saúde que surge de um sonho da população, principalmente a mais carente, que se ressentia da ausência de assistência médica em todo o município.

Idealizada pela igreja católica na figura do então padre na época Manoel Palmeira, um visionário, que usou de seus sermões e influência junto aos poderes públicos para a

campanha de construção da maternidade, inaugurada no ano de 1969 e entregue nas mãos de um grupo de irmãs (freiras) da congregação franciscana holandesas que vinheram para o Brasil como missionárias de evangelização e cuidado para os necessitados e encontraram nessa oportunidade o ambiente perfeito para exercerem seu serviço missionário.



Figura 2: SD Ir. Batista, Júlia Santiago, Ir. Carmela, Ir. Therezian e Pe. Palmeira visitando o canteiro de obras do prédio da Casa de Saúde e Maternidade São Francisco de Assis (1956)

Fonte:<http://revivendoesperancapb.blogspot.com>

Em conjunto a essa construção, foi idealizado e feito um convento, para moradia das freiras e acolhimento de possíveis jovens que optassem pelo sacramento da caridade. Ainda em funcionamento, hoje o prédio se encontra a disposição da prefeitura em parceria com a justiça, e serve como abrigo para crianças em situação de acolhimento (adoção).



Figura 3: Foto da Inauguração da Casa de Saúde e Maternidade de Esperança - Década de 60
Fonte:<http://revivendoesperancapb.blogspot.com>¹

Filha mais nova do motorista, vigilante, mototáxi e autônomo David Gonçalves da Silva, natural de Areia-PB, e da agricultora, cozinheira e empreendedora Dalvina dos Santos Silva, natural de Esperança-PB, casal formado pelo destino em meio à uma festa de padroeira, uma das mais famosas nos anos noventa na região do agreste. O ano de 1995 marcou a vida de Sr David e D. Dalvina que se vendo ligados, logo se casaram e no mesmo ano do casamento me conceberam. |

Ambos pobres, sem muita instrução, meu pai com escolaridade até o 4º ano do ensino fundamental e minha mãe na época com apenas a 7ª série, tiveram um início matrimonial muito difícil pois meu pai se encontrava desempregado, lutando pela oportunidade de um trabalho para manter a família que acabara de construir, e minha mãe tinha apenas como renda, o lucro proveniente de uma escolinha de anos iniciais que decidiu abrir dentro da própria casa, com o auxílio das irmãs caçulas, Dalvanira e Malvina, que também não tinham instrução pedagógica, mas foram responsáveis pelos primeiros passos na educação infantil de muitos esperancense.

A escolinha chamava-se Primeiros Passos, nesse ambiente convivi indiretamente pois estava dentro da barriga de minha mãe, penso que esse cenário cotidiano da gestação, já mostrava o que mais tarde seria minha profissão. Dessa época, restou apenas uma mesinha, que nos meus primeiros anos escolares serviu de apoio para resolução das tarefas de casa.



Figura 4: Eu na mesinha da escola Primeiros Passos

Fonte: Arquivo Pessoal (2000).

Comentado [c1]: escolaridade dos pais?

¹ Disponível em <https://revivendoesperancapb.blogspot.com/2013/08/o-sonho-da-casa-de-saude-ematernidade.html?m=1>

Aos sete meses de gravidez, com as preces ouvidas e contatos acionados, meu pai consegue finalmente um trabalho e destina seu primeiro ordenado ao enxoval do bebê que até então não tinha nada, como relata minha mãe. Com tudo pronto e providenciando, no dia sete de novembro de mil novecentos e noventa e sete, às 14:30 da tarde, medindo apenas 45, cm e pesando 2,350 quilogramas, início de minha trajetória na terra, chego como se chega um fenômeno, amada, desejada e causando dor até na alma da minha mãe, que teve um parto natural de ver “estrelas” por tanta dor que sentiu para fazer essa pequenina vir ao mundo.

Naquela época, além dos recursos limitados, não existia na rede pública de saúde assistência devida as gestantes como se tem hoje, pois se assim fosse, teriam visto desde o ventre o que estavam para descobrir. Sendo eu uma bebê sempre muito chorona, aliás, sou até hoje; aos passar dos meses, minha avó materna Dona Josefa Geraldina quem estimo tanto carinho, cuidado e afeto, minha principal referência de coragem em meio à sociedade patriarcal que nasceu, criou os filhos viúva, agricultora e analfabeta, observou que havia algo estranho nas minhas costas, um certo carroço que vez ou outra liberava um líquido, especulação que levou minha mãe a buscar incansável um diagnóstico.

Após várias consultas, idas e vindas à Campina Grande, o diagnóstico, vindo do neurocirurgião Luciano Holanda, (atual professor de Neurocirurgia e neurologia, da Universidade Federal de Campina Grande, minha querida UFCG), Malformação na coluna, Disrafismo espinhal na linguagem médica, tratamento: cirurgia urgente, pois o agravante poderia me levar a paraplegia. Uma “bomba” no colo dos meus pais que mesmo em choque, se mantiveram firmes na fé confiando em Deus e nos médicos com a certeza que daria tudo certo.

Operada, recuperada e sem sequelas, escrevendo esse texto e vasculhando na mente os fleches de lembranças que tenho dessa época, pois além da cicatriz, a mente daquela criança também ficou marcada; recordo-me perfeitamente do escândalo que fiz no exato dia da retirada dos pontos e reavaliação do médico, foi um caos, apesar de pequena, foram necessárias três pessoas para me conterem, minha mãe que não saía jamais do meu lado, minha tia Geralda que nunca nos faltou e sempre está á frente desses assuntos mais burocráticos pois tem mais entendimento e um enfermeiro que foi o reforço na situação. Foi muita luta, mais essa etapa, eu venci.

A primeira fase escolar

“E Deus, que ouve todas as preces, pediu à primavera que chegasse com seu carro dourado triunfal enchendo de flores os campos e de luz os caminhos, e vendo que a formiga estava quase morrendo, levou-a para um lugar onde não há inverno e nem verão e onde as flores permanecem para sempre”.

A formiguinha e a Neve - João de Barros

No exercício da escrita, somos levados a ativar nossas lembranças mais tocantes e nesse ensaio, unir memórias as fontes para chegarmos aos fatos. Nessa repescagem de vivências, ao escrever essas palavras de agora, me fiz antecipadamente a seguinte pergunta: O que me lembro dos meus primeiros anos escolares?! Revisitando esse período prontamente é ativado em minha mente a obra de Braguinha², a formiguinha e a neve.



Figura 5: Capa da 1ª edição do livro a formiguinha e a neve (1995)

Fonte: <https://www.moderna.com.br/literatura/livro/a-formiguinha-e-a-neve>

Não recordo se foi o primeiro livro que ouvi a história, mas tenho certeza que foi o primeiro a me fascinar de tal maneira que sempre que era perguntado qual história vocês

² Carlos Alberto Ferreira Braga, Braguinha, João de Barro Nasceu no Rio de Janeiro em 1907. Compositor, cantor e produtor. É conhecido por suas marchinhas carnavalescas, mas também compôs músicas infantis, canções para festas juninas e sambas.

querem ouvir hoje, a minha resposta era certa no livro da formiguinha, uma história que traz uma lição tão linda que carrego comigo até hoje: mesmo quando estiver dando errado, jamais perca a esperança.

Os meus três primeiros anos escolares foram na rede particular de ensino exigência feita pela minha avó paterna que patrocinou os estudos da sua neta primogênita, na escola “Sonho de Criança”, ambiente que considerava mágico e foi ali que conheci minha primeira professora, fiz meus primeiros amigos e tive meu primeiro contato com o mundo da educação.

A partir da alfabetização, hoje 1º ano do Ensino Fundamental, iniciei minha caminhada na escola pública, agora não sendo filha única, a situação financeira pedia essa mudança. Matriculada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olimpia Souto, iniciei um dos anos escolares mais importantes da minha vida cheia de expectativas, pois meu objetivo era aprender a ler. Me incomodava mesmo sendo criança, ver os letreiros e propagandas nas lojas e não saber do que aquilo se tratava. Obstinada, naquele mesmo ano conclui meu objetivo, entrei no “mundo da leitura” e de lá nunca mais sai. Ainda hoje, com meus 26 anos de idade, continuo com a mesma mania de ler tudo que vejo em minha frente, placas, letreiros, outdoors, enfim...

Sempre tagarela, apesar de ser considerada uma excelente aluna, na 1º série do ensino fundamental (atual 2º ano), ficava muitas vezes atrasada a execução das atividades ficando para trás dos meus colegas que ao soar do sinal da saída, recolhiam seus materiais e rumavam para casa com seus pais. Era frequente deixar meu pai na porta da sala me esperando concluir um dever que a professora Selma fazia questão de apagar quantas vezes fosse preciso e ainda me expor na frente de todos que ali estavam, episódios que me deixavam constrangida e louca para fugir daquela situação.

Após dois anos estudando no período da manhã e relutante para acordar tão cedo, iniciei minha trajetória na Escola Dom Palmeira, colégio inaugurado em 1957 pelo padre Manuel Palmeira, figura já citada anteriormente. No início, o prédio pertencente ainda hoje a paróquia funcionava como Ginásio Diocesano e Escola paroquial particular, que mantinha

uma metodologia rígida e tradicional sobre a administração das freiras holandesas que zelavam pela qualidade de ensino exigida na época.

Após a saída do padre do município, a escola foi entregue a prefeitura e ainda hoje funciona como escola municipal de ensino fundamental I e II, zelando por sua fama invicta da melhor e mais disputada escola pública da região onde uma vaga ali é privilégio para poucos. Atualmente conta segundo dados fornecidos pela atual diretora da escola, Madilane Guedes, com cerca de 854 matrículas, funcionando nos turnos manhã, tarde e noite com as modalidades de ensino regular e EJA com a média 6,3 no IDEB de 2021.

Figura 6: Escola Dom Manuel Palmeira (2023)



Fonte: <https://www.esperançaeditada.com>

Quando falamos em sentimento escolar, a minha melhor lembrança ativada está nesse lugar. Cursando a 2º série (atual 3º ano) até o nono ano dos anos finais, foi nesse ambiente que construí as melhores amizades, conheci maravilhosos professores e passei por diversas situações que formaram um pouco do que eu sou hoje.

Escola de boa estrutura, arejada com um pátio aberto com quatro árvores que fazem sombra o dia todo. Ofertava em seu cardápio merenda de qualidade no qual sempre me deliciava com a típica salada de frutas das sextas-feiras. Ganhávamos fardamento escolar, livros didáticos e o material pessoal básico como um caderno e algumas canetas. O Paroquial como ficou conhecido se tornou referência dentro do município, sempre privilegiado com os maiores investimentos e projetos destinados da SEDUC (secretária de educação e cultura), fato esse que o faz ser alvo de disputa acirrada ainda hoje por uma vaga de matrícula.

Foi no percurso da minha história no Dom Manoel Palmeira da Rocha que apresentei meu primeiro seminário, fiz minha primeira recuperação e percebi o quanto a área de exatas não era para mim e os esporte não iriam mesmo com minha “cara”. Nesse período, desenvolvi

meu espírito de liderança, sendo presidente de sala por diversas vezes e passei por momentos angustiantes o qual posso citar a perda de três colegas: Ana Paula, Thais e Poliana que infelizmente morreram afogadas durante um passeio feito frequentemente pela escola e que decidiram fazer sozinhas.

Sempre sonhando com uma formatura, na conclusão do meu nono ano, vi a oportunidade perfeita, pois era tradição um baile para os formandos. Unida com outros alunos, montamos uma comissão, articulamos com a direção e com vendas de lanches, mensalidades pagas, rifas e sorteios, fizemos nossa festa, ainda recordo do meu vestido azul que por incrível que pareça ainda cabe perfeitamente no meu corpo. Uma festa simples, que nos dava direito a penas um acompanhante, mas um momento de significados, pois era ali que cada um de nós iria tomar um rumo diferente em busca do Ensino Médio e que talvez muitos jamais se vissem. Momento de confraternização que me deixou muita saudade.

O sonho chamado IFPB

Concretizando um sonho almejado por tantos estudantes brasileiros na fase de transição do ensino fundamental para o médio, ganhei “asas” e após uma temida seleção por meio de uma avaliação que era o critério exigido e tão concorrido na época, cheguei ao IFPB³ (Campus Campina Grande), matriculada no curso técnico de informática, ganhando ali uma experiência ímpar que durou apenas um ano, o primeiro ano do ensino médio.

A decisão de renunciar a um sonho em processo foi difícil, porém libertadora. Mesmo estando onde eu desejava estar, reconheci aos poucos que nem tudo que queremos nos traz paz, e nesse sentido, me sentindo esgotada em um curso no qual não tive identificação nenhuma, fazendo diariamente um trajeto cansativo de Esperança a Campina Grande, por minha saúde mental que estava sendo afetada com crises de ansiedade e noite em claro, optei por desistir.

A experiência adquirida nesses dez meses que passei no Instituto Federal, foi

³ – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba é uma instituição pública federal de ensino, vinculada ao Ministério da educação com oferta de cursos de educação básica, profissional e superior. Localizado na AV. Tranquilino Coelho Lemos, nº 671 Dinamerica – CEP 58432-300 Campina Grande-PB. Além de Campina Grande, está presente em outras cidades paraibanas a exemplo de Soledade, Esperança, Picuí entre outras.

algo crucial para toda minha vida de estudante. Criei hábitos de estudos, aprendi técnicas, comecei a valorizar mais os esforços feitos por meus pais que por vezes não podendo, tiravam o dinheiro da mistura para que eu pudesse almoçar, pagar a passagem de volta ou até mesmo fazer um lanche na escola.

Recordo-me como se fosse hoje de quando em uma quarta-feira, dia em que ficava em horário integral, fui apenas com o valor da passagem para a volta e com algumas moedas na bolsa, ciente que iria precisar almoçar, me juntei com colegas que estavam na mesma situação que eu e os dei a ideia de unirmos nossos trocados e comprarmos pão, mortadela e suco; sendo a melhor alternativa para todos, assim foi feito, parecíamos crianças dando gargalhadas da situação, porém satisfeitos degustando aquela “refeição”, que nos sustentaria até as 18:00 horas, fim da última aula.

Os vínculos feitos permanecem vivos, fiz amizades sinceras com minhas queridas Erika e Taiza, sendo a primeira campinense, católica e com sonho de casar-se com seu príncipe encantado, e a segunda, paraense, adventista e louca para ser médica. Três meninas distintas que se completaram em um sonho em comum, concluir o ensino médio. Nos separamos fisicamente, pois cada uma tomou seu rumo, mas construímos lembranças repletas de bons momentos, e conseguimos trilhar nossos sonhos de acordo com nossas possibilidades.



Figura 7: Grupo de estudos na Biblioteca do IFPB campus Campina Grande (Marília, Erika e Taiza)

Fonte: Arquivo Pessoal (2014)

Das experiências formativas no Colégio Estadual Monsenhor José da Silva Coutinho a escolha pela Docência

“Eu já disse, mas vou repetir: não se represa um rio, não se engana a natureza, faça a represa o que quiser, pois o rio cedo ou tarde vai arranjar um jeito de rasgar a terra, abrir um caminho, e voltar a correr em seu leito de origem.”

Fernando Pessoa

Como quem retorna para os braços de uma mãe, regressei meus estudos para a cidade de Esperança, mais precisamente para o Colégio Estadual de Ensino Médio Monsenhor José da Silva Coutinho, fundado em 1968, referência de formação de Ensino Médio e atualmente técnico dentro da 3º região de ensino na Paraíba.

Iniciei o 2º ano do ensino médio no ano de 2015, mais precisamente no turno noite pois era o único que havia vaga destinada a minha série, tendo em vista que o ano letivo já tinha iniciado a cerca de um mês antes da minha procura por vaga que foi de encontro com o final do ano letivo no IFPB que finaliza quase sempre em fevereiro.

Temente por talvez não ter feito a escolha certa, ingressei cheia de incertezas, pois desejava um ensino de qualidade, algo que me direcionasse a uma graduação, e naquela época, muitos se queixavam das defasagens naquela instituição, como a exemplo: a falta contínua de professores e a carência na preparação para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

Logo no primeiro contato com a turma, encontrei-me com uma ex-professora de Ciências que ali lecionava Biologia, me senti mais confortável por rever um rosto conhecido, mais fiquei apavorada quando em sua saudação de boas-vindas ela me disse: “Marília, por que você não foi para o período diurno? A noite não vai ser bom para você!” Não entendendo ao certo o que ela quis dizer com essas palavras, coloquei no meu coração que iria fazer o meu máximo e com meus esforços chegaria ao objetivo que era o curso de Bacharel em Direito, algo que foi despertado em mim desde o assassinato de minha tia Malvina dos Santos que foi vítima de feminicídio no ano de 2011, assassinada aos 36 anos com quatro golpes de faca por seu marido.

A morte da minha tia causou não só na família mas, em toda população esperancense uma comoção geral. Agricultora e mãe de dois filhos, Malvina era fortemente conhecida por seu carisma. Mulher de fé e de um senso de humor contagiante, foi com ela que compartilhei inúmeros momentos marcantes da minha vida. A maioria a amavam como quem se ama uma mãe. Recorriam a ela nas horas de aflição e era da sua boca que saiam sempre os melhores e mais engraçados conselhos. Perdê-la foi a maior dor que senti em meu peito. Creio que irão passar mil anos, mas esse buraco deixado por sua partida jamais cicatrizará.

Após o sepultamento de tia, começou nossa luta por justiça! Era inadmissível que um culpado capaz de tirar a vida da mulher a sangue frio saísse impune. Reunimos assinaturas, fizemos protestos, abraçamos a causa da “Marcha pela vida das mulheres e pela agroecologia”, movimento criado pelos trabalhadores/as sem-terra do Brasil, que traz como foco a busca pela valorização das mulheres do campo que diariamente são vítimas de violência doméstica no Brasil.



Figura 8: Banner pertencente ao polo da Borborema (Imagem de Malvina dos Santos)
Fonte:<https://jcpb.com.br>⁴

⁴ Retirada do Instagram Jornal a Cidade Esperança. Acesso em 05/04/2024



Figura 9: Marcha pela Vida das Mulheres

Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Vendo toda essa movimentação, apesar de ter apenas quatorze anos de idade no período de sua morte, tomei posse da sede por justiça que pairava e ainda paira minha família. Nesse tempo, decidi que estudaria as leis e me formaria advogada para tomar partido dentro dessa causa que até hoje nos assola devido a impunidade com que foi tratado esse caso pela justiça, dando liberdade plena ao assassino após dois anos e meio de cumprimento da pena.

Ciente que seria uma futura estudante de Direito, mesmo diante das precarizações do ensino existente, não me contive e busquei compensar em casa, o que não me era ofertado. Tirava minha tarde para os estudos e me destaquei naquele ano com excelentes notas e auxiliando a turma onde fiz diversos amigos que trabalhavam durante o dia e não tinham tanto tempo livre como eu. Tinha o prazer em ajudá-los, pois compreendia o quanto era dificultoso trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

Passado todo o ano, tentei uma vaga em outro turno, pois desejava conseguir prestar um cursinho pré-vestibular, no qual era ofertado pela UFCG de forma gratuita e solidária para os alunos oriundos de escola pública. Vendo minha dedicação, a gestão escolar em nome da diretora Kátia Silva, me remanejou para o 3º ano no turno tarde em uma turma recém-aberta naquela instituição.

Acredito que em nosso caminho, somos cercados por anjos mensageiros que nos trazem revelações de coisas que não passam pela nossa mente, nesse sentido, meu anjo recebe o nome de Antônio Félix dos Santos, meu último professor de História do Ensino Médio

aquele que revelou o futuro através das suas repetidas frases, “você deveria ser professora de História”, “Você daria uma ótima professora de História”.

Desde o fundamental, sempre tirei notas boas no componente curricular de História, mas de longe imaginária seguir carreira nessa profissão. Apesar desde criança trazer traços fortes dentro da minha personalidade, brincadeiras e dicção, não me enxergava dentro dessa área, pois via os professores como seres sem reconhecimento, heróis perdidos em meio a uma sociedade sem valor.

Casando a escola com o cursinho que fazia a noite em preparação para o Enem, comecei a abrir meus olhos para o inimaginável. Fascinada pelo tema:” Ditadura Militar no Brasil”, vi dentro da história que era possível lutar por justiça mesmo sem ser parte dela. Os absurdos ocorridos durante o golpe de 64 e as tentativas da Comissão Nacional da Verdade em responsabilizar os culpados por tantos crimes e mortes que foram cometidas durante vinte e um anos de tortura e negação de direitos no nosso país, me despertaram a voz retumbante da docência afim de mostrar a mais pessoas aquilo que eu estava aprendendo.

Prestei o exame nacional do ensino médio no final do ano de 2016. Nunca estive tão nervosa para a realização de uma prova. Mesmo me preparando, tratei aquele momento como decisório na minha vida. Eu precisava passar, era questão de honra para mim. Lembro-me de como o lápis escorregava nas minhas mãos suadas e de como foi desconfortável sentar-me em uma cadeira sem apoio para canhotos como foi o meu caso, que mesmo conhecendo meus direitos e exigindo-os, não obtive retorno.

Diante do Sisu (Sistema de Seleção Unificada), programa do Ministério da Educação (MEC) que oferece vagas em universidades públicas, me vi em um impasse: Direito ou História? História ou Direito? Duas opções de curso são indicadas dentro do sistema e dependendo da sua nota e da nota de corte (média) da instituição, você seria selecionado. Como o coração e a paixão falou mais alto, optei por Licenciatura em História como minha primeira opção de curso, deixando direito em segundo plano. Para minha felicidade, fui selecionada e porque não dizer intimada iniciar um lindo e longo percurso dentro da UFCG.

CAPÍTULO II: CAMINHOS E (DES)CAMINHOS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Sendo a formação acadêmica o primeiro passo da caminhada docente, nesse processo foram necessários alguns pilares a exemplo do foco na reflexão crítica procurando compreender a relação de ensino e aprendizagem; o estudo que vise o crescimento pessoal e profissional, e a construção de espaço para trocas de experiências em uma interação mútua, possibilitando construção de novos saberes.

Dentro da preparação docente somos direcionados a trilhar uma estrada árdua, dotada de descobertas que nos mostra o real papel daquilo que sonhamos e nos pusemos dispostos a concretizar diante da estrada universitária, que ao contrário do que muitos pensam, não nos aponta tão claramente o que nos espera, deixando nas mãos dos (des)caminhos vividos nesse percurso, a função de nos mostrar o real sentindo da docência, que é uma caminhada contínua de fonte inesgotável e um mundo de possibilidades. Nesse sentido, diálogo com Paulo Freire, onde nos diz que ‘ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar’ (1997, p. 155).

Neste capítulo trago as minhas vivências dentro da formação docente, mostrando-os alguns desafios, dissabores e alegrias encontradas nesse percurso. Dialogando com minhas memórias mais íntimas, escrevo os detalhes da formação adquirida ao longo desses anos nesta universidade que muito de um centro acadêmico, exerce o papel de casa diante da vasta complexidade que torna a vida de discente.

Bem-vinda a UFCG

Fruto da turma 2017.2 do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande, recebi minhas boas-vindas muito antes da efetiva matrícula. Outrora aluna do pré-vestibular solidário da mesma instituição, conheci a UFCG no ano de 2016 e como amor à primeira vista, me apaixonei.

A primeira aula do curso foi ministrada no bloco BZ, mais precisamente pelo saudoso professor Luciano Queiroz, tutor do PET⁵, acolheu-nos com satisfação junto com sua equipe, os “petianos”, como são conhecidos os bolsistas do programa, e nesse encontro, demos o ponta pé inicial dessa longa jornada.



Figura 10: Turma 2017.2 curso de História UFCEG

Fonte: Arquivo Pessoal (2017).

Com seis matrículas na grade curricular, temia não dar conta do recado, mas como a união faz a força, não me senti sozinha diante de tantas pessoas que compuseram a turma e assim como eu mantinham esse sentimento de ansiedade e medo, a exemplo dos meus

⁵ O Programa de Educação Tutorial (PET) foi criado para apoiar atividades acadêmicas que integram ensino, pesquisa e extensão. Formado por grupos tutoriais de aprendizagem, o PET propicia aos alunos participantes, sob a orientação de um tutor, a realização de atividades extracurriculares que complementem a formação acadêmica do estudante e atendam às necessidades do próprio curso de graduação. O estudante e o professor tutor recebem apoio financeiro de acordo com a Política Nacional de Iniciação Científica. Este programa foi criado em 1979 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e era denominado Programa Especial de Treinamento. No final de 1999 foi transferido para a Secretaria de Educação Superior (SESU) do Ministério da Educação, ficando a sua gestão sob a responsabilidade do Departamento de Modernização e Programas da Educação Superior – DEPEM. Em 2004 o PET passou a ser identificado como Programa de Educação Tutorial. Em outubro de 2009 foi aprovada a criação do PET História da UFCEG através do projeto enviado pela professora Regina Coelli Gomes Nascimento. A proposta do grupo está direcionada para aperfeiçoar a formação acadêmica dos estudantes a partir do desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Os principais resultados alcançados até o momento são: a fixação dos estudantes na graduação; a realização de estudos relacionados à pesquisa e ao ensino de História; a ampliação da percepção do trabalho coletivo e da capacidade de interação construída entre os integrantes; a instauração de mecanismos de disseminação dos conhecimentos construídos no âmbito do grupo e a inserção dos estudantes no mercado de trabalho e em programas de pós-graduação. Disponível em http://www.ufcg.edu.br/~historia/pet/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=2. Acesso em 05/04/2024.

saudosos e primeiros colegas de curso: Leticia, Diaciz, Jessica e Caio; pessoas que conseguiam fazer o fardo ficar mais leve compartilhando-os tantas emoções.

No quesito disciplinas curriculares, ainda hoje carrego o sentimento de satisfação que adquiri ao cursar *Pré-história* com a professora Lauricéia, compreender a fundo esse período foi algo fascinante, guardo com carinho os textos que liamos de autores a exemplo de *Niède Guidon. Antropologia* com a admirável Elizabeth (Bebete), apesar de ser optativa, despertava ao máximo minha curiosidade, estudando o modo brasileiro de ser.

Inúmeras disciplinas compuseram meu contato com o curso, e na maioria delas, traziam a frente mulheres de tanta força que deixavam traspassar para as aulas o seu amor e conhecimentos que chegavam até nós como algo gostoso de ouvir. Foi justamente Lauricéia que nos passou o primeiro debate do curso e com Bebete adquirir minha primeira nota máxima, o tão sonhado dez.

O curso em si, me possibilitou oportunidades que vão muito além de formação acadêmica. Em uma turma diversa, com pessoas de diferentes crenças, culturas e ideologias, unindo as tantas obras que liamos, foi inevitável, chegar ao fim sem se tornar uma pessoa mais humana e com sede de fala as chamadas minorias, com vontade de “abrir” os olhos das outras pessoas para as coisas que aconteceram, estão acontecendo e provavelmente irão acontecer neste mundo, como diria o “pai da História” Heródoto, que me foi apresentado através de sua obra *Histórias*, na disciplina *História Antiga Ocidental*. pela querida professora Michelly Cordão: É sem dúvida mais fácil enganar uma multidão do que um só homem. Onde é necessária a astúcia não há lugar para a força. Pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro. (Heródoto).

Demonstrando-me tímida, apesar da minha inquietude interna, sempre fui daquela que não se posicionava nas aulas. Fazia o que era solicitado e calava-me com medo de ser equivocada ou até mesmo desnecessária em certas ocasiões. Apesar disso, nunca deixava de compartilhar o os questionamentos expostos a minha colega Leticia Alves, que comungava comigo das mesmas opiniões.

Conhecido por alguns como um curso marxista, confesso que foi na UFCG que escutei o nome Karl Marx pela primeira vez na vida. Entender a ideologia marxista virou questão de honra no terceiro período do curso. Todos os professores o citavam e tornava--se quase que um objetivo buscarmos conhecê-lo. Diante disso, nessa corrida por conhecimento, vi na ideologia marxista algo que defendia ao meu modo mais ainda não conseguia explicar.

Comentado [c2]: Espaçamento maior que os demais

Em Marx, observei pela primeira vez um autor que colocasse o sentido de “luta de classe” como o chamado motor da história, interpretando na teoria, esse conflito social incansável que comecei a perceber desde o Ensino Médio, de uma sociedade que é sempre dividida entre aqueles quem tem poder e aqueles que servem aos poderosos. Nesse mundo explicado na teoria, vi no mundo real a prática, fazendo desse aprendizado, jamais esquecer-me.

Os desafios do trajeto diário

Apesar de um sonho em processo, ir diariamente para a UFCG se tornava um pesadelo para uma jovem que detestava acordar cedo, saga essa que se tornou obrigatória na minha vida, já que residia em um município a cerca de 22.80 km de Campina Grande, e dependia do transporte escolar municipal para locomoção Esperança/UFCG.

Acordava-me de segunda a sexta-feira as 05:20 da manhã, era uma tortura sair no quintal e observar o céu ainda escuro, sem falar no frio que casava o horário de um banho gelado logo cedinho, usava como técnica o reforço positivo, repetindo sempre: “Deus ajuda quem cedo madruga”, frase clichê, mas que me servia de estímulo principalmente nos dias chuvosos, os mais difíceis.

Apenas um ônibus era ofertado no período da manhã aos alunos que necessitavam se deslocarem a Campina e Lagoa Seca, situação que gerava uma disputa que iniciava nosso dia em busca um assento, pois caso contrário, o jeito era ir a pé sem nenhuma segurança se apoiando uns nos outros. Lembro-me claramente do dia que fui sentada na parte onde fica o motor no ônibus no qual o motorista me cedeu um papelão para diminuir a temperatura que era muito forte.

Como saímos de Esperança as 05:50am, razoavelmente cedo, fazia meu desjejum diário na lanchonete do Senhor Olavo, figura símbolo da instituição, um amigo de todo estudante da UFCG. Sozinha, pois sempre eu era a primeira da turma a chegar, me destinava as escadarias do bloco BG pois achava o lugar bom para me aquecer do frio e ponto estratégico para aguardar os meus colegas a exemplo do meu irmão de curso Diaciz que chegava logo depois de mim.

Geralmente as quartas-feiras eram os dias destinados a passarmos o dia todo no campus. Eram nas quartas que pagávamos as matérias optativas e como eu morava distante, não tinha outra opção a não ser almoçar por lá mesmo, algo que não me agradava pois sempre

fui muito seletiva em minhas refeições. Logo na primeira experiência, na primeira aula da disciplina optativa, tive uma má digestão que me fez passar mais tempo dentro do banheiro do que na sala de aula. Acontecimento traumático que me levou a decisão de trazer o meu próprio almoço de casa.

Veza ou outra era castigada pelos professores que desmarcavam as aulas em cima do horário, fazendo com que eu ficasse a manhã toda aguardando o horário de retorno para casa que se dava precisamente às 12:00 horas. Nesse intervalo de tempo, aproveitava para fazer as leituras dos inúmeros textos que tínhamos cotidianamente para ler e fichá-los com um intuito de aprender com mais eficiência os conteúdos. Apesar de na época não gostar de ficar a manhã toda sem aula, hoje percebo que também era proveitoso esse exercício que eu desenvolvia de forma assíncrona.

De percurso em percurso, descobri-me uma verdadeira admiradora das paisagens, usando a velha companheira janela do ônibus como minha maior psicóloga e tela social, me permitindo nas pequenas viagens diárias, observar as pessoas, os lugares e principalmente as características culturais de cada lugar que passávamos. Foi pela janela que aprendi a valorizar esse trajeto, sonhando com os futuros alunos que viriam depois de mim e traçariam essa mesma rota em busca desse sonho, assim como eu.

Acidentes de Percurso: Pandemia x Cirurgia

Contar o que foi bom, se torna fácil quando as bonanças são maiores do que as negatiedades. Na vida somos forçados a enfrentar situações que para quem sabe tirar proveito delas, se torna uma lição banhada de aprendizados. Mesmo não contando com alguns acidentes no nosso percurso da caminhada, neles somos colocados a prova como teste de fé.

Após 50% da execução curricular, senti-me que precisava mudar meu rumo, maior de idade, com despesas contantes e preocupada com a saúde financeira familiar que dependia apenas de um salário-mínimo vindo da renda do meu pai na época trabalhador autônomo, decidi que precisava contribuir em algo e conseguir um emprego, oportunidade que não demorou a chegar e em questão de meses, fui contratada professora de História pela Prefeitura Municipal de Esperança.

Dois mil e dezenove foi o ano que marcou meu início na docência, cheia de planos, consegui transferir as cadeiras curriculares para o noturno e apesar de embarcar em nova fase, senti muito por abandonar os colegas que fiz durante o período diurno, pois a partir daí entraria em contato com outras pessoas e talvez outra realidade.

Trabalhar e estudar não foi nem nunca será fácil, era exaustivo administrar ambas as competências, mais com muito esforço me sai bem na medida possível, pois confesso que sempre dava mais ênfase ao trabalho do que ao curso, por ser contratada, temia uma demissão. Mas, como tudo que é bom dura pouco, no início de 2020, logo após o retorno as aulas, o mundo todo foi surpreendido com a Pandemia da Covid-19.

Com o mundo todo em isolamento social, a educação não podia parar e foi através das telas que aprendemos uma função jamais ensinada na faculdade, a de youtubers, e técnicos em mídias sociais. Antes de completar um ano na carreira docente, me vi fazendo do meu quarto a única sala de aula possível para os meus alunos e para mim mesma como discente.

As aulas remotas, despertaram em mim como estudante, uma faceta diferente. Pelo tema, sentia-me mais à vontade em me posicionar nas aulas, debater as leituras e até mesmo apresentar trabalhos. Mesmo sentindo falta da conexão e trocas reais que fazíamos nas aulas presenciais, foi através desse novo modelo de aprendizagem que consegui me achar dentro do curso, colando para fora uma voz por períodos silenciada.

Durante esse tempo, tive meus mais calorosos contatos com as disciplinas voltadas a área de educação e nelas me identifiquei profundamente ao ponto de compreender que seria realmente isso, o campo educacional que eu queria para minha vida. Psicologia da educação com as teorias de Piaget, Vygotsky, e Psicologia da adolescência com Skinner e vários outros, me mostraram meios para compreensão da complexa tarefa educacional no contexto da sala de aula e sociocultural, algo crucial dentro da docência no qual sou maravilhada graças a formação que recebi na universidade.

Aprendendo diariamente com os desafios impostos no auge de 1 ano e 4 meses de uma pandemia mundial, como se não fosse suficiente, no exato dia 11 de julho de 2021 enfrentei um desafio ainda maior que no meu corpo deixou marcas e sequelas profundas. As 21:30 horas, em uma noite normal de domingo, sofri um grave acidente de moto que me resultou em uma fratura seríssima na perna esquerda, quebrando-a em 3 partes diferentes, fazendo com que eu após 19 anos, retornasse para uma sala de cirurgia.

No caminho para o hospital, pensava constantemente o que seria de mim dali em diante. Meus planos, meus sonhos, meu trabalho, a universidade. Eu, sempre ativa, conhecida por todos como uma menina altamente desenrolada, que resolve tudo para todo mundo, me vi imóvel, à mercê de cuidados a todo momento, sem ter a mínima capacidade de tomar o próprio banho ou ir até o banheiro.

Creio que nesse período meu mundo parou, tive que aprender a controlar os meus impulsos e me resignificar para buscar um equilíbrio que mantivesse com saúde mental. Submetida a duas cirurgias, no hospital de trauma de Campina Grande vivi os piores dias da minha vida, fazendo lembrar de casa com mais valor e com coração ansioso em retornar ao meu lar.

Substituída no trabalho e afastada da universidade, passei três meses de “molho” como afirmavam os médicos. Durante as sessões de fisioterapia, ou melhor sessões de “tortura”, pois me causavam dores de gritar, usava a minha vontade de retornar a vida de antes como motivo para não desistir. Ficar em pé novamente, foi uma das maiores alegrias que senti, e apesar de ainda sequelada, aprendi nesses quase 9 meses de recuperação a importância em respeitar meus limites valorizando meu tempo e principalmente as pessoas especiais que não soltaram minha mão nos momentos de trevas.

Para quem consegue enxergar além dos fatos e das evidências, o mundo universitário é capaz de formar antes de profissionais, pessoas. Seres que no cotidiano, observam nos outros e se observam também como seres históricos capazes de transformar o mundo a partir das suas experiências de vida que se formam a cada instante por meio dos trajetos que decidimos seguir.

CAPÍTULO III: PRÁTICA DOCENTE NO MUNICÍPIO DE ESPERANÇA-PB Quando

pensamos na palavra experiência, focamos nossa mente em algo que demande um período mais longo, segundo o dicionário “Modo de aprendizado obtido sistematicamente, sendo aprimorado com o passar do tempo”. A experiência docente por assim dizer, surge através do diálogo que articula a formação e atuação dos professores, dentro da prática de ensino. Diante disso:

A noção de experiência tem diversos sentidos para os professores, mas, de modo geral, ela designa a noção de verdade de sua vivência prática. [...] A experiência se refere à aprendizagem e ao domínio progressivo das situações de trabalho ao longo da prática cotidiana. Ela é qualificante. Mesmo hoje, ensinar se aprende, em boa dose, ensinando. (Tarfid e Lessard, 2005, p.285)

Sendo um desafio enfrentar pela primeira vez aquilo que será o seu espaço de trabalho, o professor só se forma verdadeiramente docente, através do seu contato com a sala de aula, para desse modo, adquirir a noção progressiva que se torna qualificante e preparatória para quem escolhe a área da docência.

Nesse capítulo, proponho me apresentar como professora, trazendo nessa escrita, o lugar que me permitiu tomar esse título e colocar em ação os aprendizados adquiridos pela formação recebida na Universidade Federal de Campina Grande assim como também as experiências vividas que proporcionaram-me desenvolver minha metodologia de ensino, a fim de viabilizar o real sentido da educação que é proporcionar meios que visem o desenvolvimento dos nossos alunos.

Escrevo usando como espaço a Escola Municipal de Ensino Fundamental Fabrício Batista de Araújo, lugar onde atuo como professora de História desde o segundo semestre de 2019. Me deterei em apresentar a conjuntura escolar e explanar sobre minha atuação em sala de aula, dificuldades e aprendizados adquiridos ao longo desses anos.

4.1 Apresentando a Escola Fabrício Batista de Araújo



Figura 11: Imagem da Parte interna da Escola Fabrício Batista (2016)

Fonte: <https://www.esperan%C3%A7areeditada.com>⁶

Situada no distrito de São Miguel, zona rural a 4km do município de Esperança, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Fabrício Batista de Araújo foi inaugurada no ano de 1948 pelo primeiro prefeito eleito diretamente pelo povo na cidade, o então senhor Júlio Ribeiro da Silva que segundo dados do tribunal regional da Paraíba, compreendeu o mandato entre os anos de 1947 a 1951.



Figura 12: Foto do Prefeito Júlio Ribeiro da Silva - 1º Prefeito eleito de Esperança

Fonte: revivendoesperancapb.blogspot.com⁶

⁶ <https://revivendoesperancapb.blogspot.com/2016/09/julio-ribeiro-da-silva-primeiro.html?m=>. Acesso em 23/04/2024

5<https://www.xnesperanareeditadagsb.com/search/label/Fabr%C3%ADcio%20Batista%20de%20Ara%C3%B4jo?m=1>. Acesso em 23/04/2024.

Construída em um terreno cedido pelo morador Sr. Fabricio Batista, o grupo escolar na época, recebe seu nome em menção honrosa ao gesto que visava poder contribuir na educação de tantas crianças que ali moravam e que precisavam se deslocar até a cidade para estudar diariamente. Sua contribuição não beneficiou apenas o povo de São Miguel, mas também foi a primeira e mais acessível instituição escolar das pessoas oriundas de sítios vizinhos como é o caso do Sítio Velho e Meia Pataca, pertencentes a cidade de Esperança.

Atualmente, segundo dados coletados com a gestão escolar em exercício, na figura do Diretor Davi Cardoso e sua adjunta Edione Késia de Araújo, a instituição de ensino municipal conta com 15 turmas em funcionamento, divididas entre a Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e EJA que demandam uma equipe de 43 funcionários contando com professores, vigilantes, secretária, supervisora educacional, direção, auxiliares de sala e merendeiras.

Referência entre as escolas da zona rural, o colégio de São Miguel exerce fundamental importância na educação da comunidade. Atuando não só como difusor de conhecimentos, é um centro de propagação social, promovendo encontros com a população, palestras e eventos que englobam a todos no intuito de sempre buscar o elo família/escola.

Desde a sua inauguração, a escola nunca tinha passado por uma reforma em sua estrutura predial, conservando assim resquícios antigos que já estavam necessitando de reparo a algum tempo por não apresentar conforto a equipe e alunos. Diante disso, após 73 anos o prédio entrou em reforma, mais precisamente no ano de 2022. Com a promessa de uma escola nova e de qualidade, o “corpo escolar” foi realocado para um ambiente improvisado dentro da mesma comunidade.



Figura 13: Placa de licença de Obra

Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.



Figura 14: Atual Instalação da Escola (2024)

Fonte: Arquivo Pessoa

Convivendo neste ambiente desde 2019, pude exercer dentro dessa comunidade escolar o meu primeiro contato com a docência, me permitindo dia após dia, conhecer não só as individualidades dos alunos, mas também a comunidade que os abarca, criando metodologias que possibilitassem a valorização das singularidades dentro do coletivo em que eles vivem, um lugar carente, mas repleto de bons frutos oriundos do trabalho e da educação transformadora.

Atuação Docente: Professora Marília

Atuar em uma turma pela primeira vez é um desafio destinado a todos que optam por seguir a carreira de professor (a). Esse primeiro contato é um teste inevitável no qual marca o início do percurso para o resto da vida. A data, a hora, os olhares, o tema da aula fixaram de tal maneira que por anos lembraremos em detalhes nítidos.

No dia 19 de junho de 2019, iniciei minha caminhada como Professora. Aos 21 anos de idade, no 4º período do curso de licenciatura em história, assumi dezoito aulas semanais em turmas de Ensino Fundamental II, distribuídas entre as disciplinas de História e Ensino Religioso, na missão de fechar um bimestre logo no primeiro mês de ensino. Um desafio enorme para alguém sem experiência nenhuma que teve que aprender na prática as competências exigidas na área de atuação. Acerca desta questão Freire diz que

ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira, às 4 horas da tarde. Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática'. Sob esse viés, percebo que ser professora é mais que um dom. Vamos nos construindo professores no chão da escola, no convívio com os alunos, na troca de saberes, experiências, memórias, culturas e afetos. (Freire, 1996, p. 58).

No chão da Fabrício Batista, através das trocas diárias como os alunos, foi possível aos poucos, construir uma identidade docente pois, o que aprendemos na universidade, tornasse minúsculo em comparação a vastidão que nos possibilita a prática.

Nenhuma uma criança é igual a outra, assim como nem todos aprendem do mesmo modo. Na atuação, começamos a observar as diferenças existentes em um mesmo ambiente, e nesse sentido, vamos sendo instigados a alcançar a todos em diferentes modos. Todavia, apenas provida de alguma bagagem teórica, mas, sem nenhum conhecimento prático, aprendi a alinhar a teoria, base tão reforçada no meio acadêmico, dentro da atuação do ensino.

Vistos como alunos atípicos por obterem personalidade arredia e forte repulsa aos professores e gestão escolar como um todo, situação que cria abismos negativos na relação ensino-aprendizagem, os educandos do distrito de São Miguel criaram uma visão estereotipada que acabava formando tanto para eles quanto para os educadores, uma barreira que resultava em indisciplina, falta de diálogo salutar e principalmente baixo rendimento escolar. Nesse sentido, lembrei-me das palavras da Psicóloga Maria Fátima Oliver Sudbrack:

A indisciplina pode ser uma maneira de a criança e o jovem informarem que algo não vai bem. Nesse sentido, seria um sintoma cujas causas podem estar localizadas na esfera pessoal, familiar, escolar ou comunitária. (Póvoa; Sudbrack, 2004 p.33).

Contratada no meio do ano letivo, para substituir um dos únicos professores amados por eles, que acabara de falecer, usando não só a observação, mais a empatia necessária em um momento de dor vividos pelos alunos, buscando conhecê-los fora dos estereótipos, apoderei-me da “Pedagogia da Conquista” para cativá-los e assim conseguir trazê-los de corpo, alma e mente para o ambiente escolar.

Sendo o professor responsável por traçar seu aporte metodológico letivo, busquei criar em minhas aulas um ambiente confortável que apontasse aplicabilidade nos conteúdos e usasse os elementos próximos a realidade deles para desenvolver a história. Fascinados por música, jogos e uma boa “fofoca”, tentei unir tais coisas e mostrá-los como de maneira correta podíamos aprender sem deixar de lado o que os satisfaziam.

Uma das primeiras medidas tomadas foi apresentar a direção escolar uma proposta de gincana (competição recreativa), que demandasse dos alunos o uso da criatividade e de seus talentos e inteligências múltiplas, nisso, pude usar a fascinante teoria de Howard Gardner, que tive contato durante a disciplina Teoria da Aprendizagem dentro da minha formação docente. Uma escola é um ambiente repleto de talentos e nesse sentido, instigá-los a mostrar o que se tem de melhor, faz parte do papel escolar.

A gincana escolar foi um destaque tão positivo que se tornou evento fixo no calendário da instituição. Em um momento como esse que se utiliza do lúdico como meio educacional, descobrimos um mundo de possibilidades que mostra aos alunos e a comunidade a função real da escola que é promover meios que elucidem as potencialidades dos discentes, desde a música, dança, Matemática, Geografia, História, Esportes, Condicionamento Físico e vários outros.



Figura 16: Reunião Técnica sobre a Gincana Escola 2023

Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 17: Equipe Gato do Mato (Gincana 2023)

Fonte: Arquivo Pessoal

Em busca de um método de ensino que atendesse as necessidades do público escolar em encontro com minha linha de ensino, desde o início apropriei-me dos estudos e contribuições da metodologia freiriana dando voz e protagonismo aos meus alunos. Usando a realidade deles como aliada da educação, para que eles se conhecessem como agentes importantes e por que não dizer, seres históricos, como realmente são.

Por ser localizada em um ambiente “rural”, na escola Fabricio Batista é comum a presença de árvores, que embelezam sua entrada e proporcionavam sombra e ar puro o dia todo. Usando a natureza ao nosso favor, buscando também dinamizar as aulas, era comum

fazer daquele lugar, embaixo dos umbreiros, a minha sala de aula. Era motivo de alegria para eles estudarem em um lugar diferente. A interação se tornava mais proveitosa assim como o olhar pela educação demonstrado pelos alunos, começou a mudar.

Desprovida de biblioteca, sala de vídeo, laboratório ou sala de informática, a instituição não apresentava aportes que possibilitassem tanta mudança na dinâmica dos professores. O livro didático, o quadro e a caneta em muitos casos eram os principais materiais possíveis para o planejamento das aulas. Como vivemos em um tempo novo dentro da educação, aprendi nessa perspectiva a adaptar os materiais simples para aulas que os estimulassem.

Ensinar História pode ser um desafio e tanto devido aos estigmas colocados desde sempre sobre a disciplina em questão. Na cabeça dos nossos educandos, história é algo antigo, velho, que só trata do passado e por assim ser, se torna para eles algo “chato”. Ressignificar a visão sobre o componente curricular de História, foi o maior desafio encontrado até hoje dentro da minha caminhada docente.

Pesquisar modos de transmitir a História de maneira prazerosa, tornou-se missão crucial. Instigada por Paulo Freire (2016) na relação ensino-pesquisa, “ensinar exige pesquisa do educador para constatar, intervir e educar. É da natureza do educador progressista indagar e deve estar presente a curiosidade epistemológica em toda sua vida na docência, como uma condição para sua formação permanente. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”.

Me propus a redescobrir meios diferentes de transmitir o conhecimento e trazer os alunos a se conhecerem como autores da história. Com incentivo e preparo, construíram através de fontes históricas trabalhadas em sala algo inovador dentro da instituição, um Jornal impresso escolar que trazia a própria comunidade como foco, elucidando ainda mais a percepção deles como próprios agentes históricos.



Figura 18: Jornal São Miguel Notícias 1º edição (2023)

Fonte: Arquivo Pessoal

Dificuldades, erros e acertos são pontos típicos do processo docente. Ao longo desses quase quatro anos experimentando diariamente da prática em sala de aula, recuei, pesquisei, comemorei, mas também chorei os fardos e espinhos encontrados no meio do caminho árduo que é ser professor, principalmente no Brasil do século XXI.

Adolescentes feridos internamente por questões sociais e familiares, crianças com algum tipo de deficiência que não encontram o apoio devido que proporcione a sua inclusão e desenvolvimento educacional, psíquico e motor, alunos e alunas sem perspectiva de vida que precisam serem ouvidos e instigados a sonhar em um futuro melhor.

Mesmo sabendo que “a educação é um processo “natural” que ocorre na sociedade humana pela ação de seus agentes sociais como um todo, configurando uma sociedade pedagógica” (Pimenta; Anastasiou, 2002, p. 64). Cabe a nós, professores, educadores, mediadores do conhecimento, fazer com que estudar seja um ato prazeroso, oferecendo as nossas crianças e adolescentes, uma educação significativa que os desperte curiosidade, satisfação e enfim protagonismo.

Ao contrário do que pensamos ao iniciar um curso de licenciatura, não sairemos professores após a colação de grau, o professor é construção diária permitida dentro da prática de ensino. São degraus moldados por teorias, conhecimento e principalmente experiências que formaram os educadores que almejamos ser, capazes de através da educação formar cidadãos capazes de transformar a sociedade em um lugar melhor e mais junto como nos pede a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação).

Ser convidada pelos próprios alunos que acompanhei desde 2020 para ser madrinha da turma na sua conclusão do ensino fundamental, trouxe para mim um sentimento de dever

cumprido. A identificação deles com minhas aulas, o rendimento escolar que ano após ano foi aumentado, o brilho no olhar que aos poucos vi nascer pelo componente curricular de História, representou a concretização de uma missão que lá atrás foi confiada por mim mesma, de tentar, através de uma pedagogia motivadora, resgatar “almas” para a educação.



Figura 19: Madrinha da Turma (Formatura 9º ano)

Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando palavras que sintetizem toda dissertação para buscar os resultados obtidos na investigação feita neste trabalho, com o intuito de responder a pergunta formulada no início da pesquisa, que era analisar os caminhos formativos que me conduziram a docência, dialogo com Jorge Larrosa:

palavras criam sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco (2002, p.21).

Nessa procura para realizar a conclusão desse relato, a principal ideia se traduz no sentido da experiência. Instigada a refletir sobre as vivencias pessoais e escolares que me conduziram a esse processo, percebo o quando evolui e aprendi dentro do caminho que as circunstâncias me levaram a trilhar.

Não foi tarefa fácil, selecionar e revisitar momentos da minha vida, pois nesse exercício lembramos não só que foi bom, mais também das dores e traumas experimentados que apesar de sofridos, sempre deixam em nós uma lição de vida.

Focando na minha relação com a escola, vejo que esse ambiente se tornou para mim uma espécie de lar. Nesse lugar, construí as mais solidas amizades e aprendi a selecionar o que realmente traria sentido ao meu futuro. Criança sonhadora, foi dentro da escola que aprendi o valor dos sonhos e as possibilidades que eles me trariam.

Trazendo recortes da minha relação com meu lugar de origem, desde muito cedo, visualizava um dia poder contribuir em algo dentro do município de Esperança. Pensava em algo grandioso, histórico, mas longe dos meus pensamentos passava-se o âmbito educacional.

Como semente que germina, floresci e nesse movimento me encontrei. Foram necessários anos para que fosse despertado o que realmente seria meu destino. Mesmo apaixonada pela educação, me via de fora desse cenário sem perceber o quando agregaria nessa área, principalmente em minha amada Esperança-PB.

Beber do Manancial da Educação foi sem dúvidas para mim um ponto de encontro. Costumo dizer que não escolhi minha profissão, foi ela quem me escolheu, pois todo meu trajeto sempre foi regado pelo meio educacional.

No Ensino Médio, fase divisora de águas, fui despertada e no sonho idealizado no inconsciente, me descobri dentro do curso de História como alguém que via o futuro nas mãos. O futuro traçado pelos livros, pela voz e pelas fontes tão necessárias para a elucidação dos fatos.

Perceber-me como elemento crucial da história foi algo galgado pelo tempo, um tempo possibilitado pela experiência adquirida na prática de ensino, que me abriu os olhos para as competências reais da educação e o papel fomentador dos professores que muito além de transmitir conhecimento, é fazer do aluno um protagonista do saber.

Sendo aluna e professora, pude ver com duas fases a necessidade da relação desses segmentos. A educação se faz através do diálogo, do dia a dia, das realidades individuais dos sujeitos. Nesse sentido, percebo o quanto é significativa e forte a influência exercida pela docência. Heróis sem capa que alinhados aos seus alunos possuem a capacidade e o dever de mudar o mundo. “Uma criança, um professor, um livro, uma caneta pode mudar o mundo.” (Malala Yousafzai).

Nesse exercício, percebi como encontrei pessoas que indiretamente me formaram a ser que sou hoje. Mulheres de fé que marcaram em mim sua coragem. Alunos sonhadores que despertaram no meu coração o gosto por ensinar, professores que nunca desistiram do seu legado, mesmo diante de tantas dificuldades e desvalorização, me ensinando a seguir em frente em busca de um futuro melhor na educação.

Por fim, justifico aqui, porque trazer tantas experiências voltadas a cidade de Esperança-PB. No ano de 1997, nasci nesse município e meus melhores e piores momentos se fazem nesse lugar. Valorizando sempre minhas origens e me propondo a fazer algo positivo para contribuir com Esperança, creio que somente a educação será capaz de possibilitar essa concretização.

Encerrando uma etapa árdua e de extrema importância na minha atuação docente, despeço-me do curso de História com a alma repleta de gratidão por tudo que me foi agregado, e pretendo nesse sentido levar não só para minha terra, mais para o mundo, legado plantado pelo curso de História que é fazer da educação, um caminho de possibilidades, oportunidades e conquistas para os meus alunos, assim entendemos que “educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Freire, 1979, p, 13).

Se queremos uma sociedade melhor, defendo o que cita Freire, somente pela educação poderemos alcançar nosso objetivo, pois se hoje sou quem me tornei, foi pela educação que descobri a principal arma que poderia usar: o conhecimento. Poder ganhar a confiança dos alunos foi um percurso desenhado de muito esforço, mas não desistir e trazê-los para perto, respeitando suas limitações e barreiras, foi a maior vitória obtida graças a pesquisa, teoria e principalmente a atuação prática.

Após analisar minha história de vida, ao final desses três capítulos baseados nas memórias elaboradas pelas minhas experiências, percebi o quanto a educação sempre se fez presente em meu caminho de maneira a trazer nesse contexto a forte presença da História no enredo das minhas vivências, nas minhas identificações com as instituições que passei, o exemplo cativado pelos mestres que tive, a educação doméstica, aprendendo em casa o gosto pelos estudos.

Orgulhosa por ser esperancense, nesse ensaio, aprendi que podemos por meio da pesquisa, da história e da sala de aula, apresentar ao mundo as belezas e fatos que evidenciam o sentimento de pertencimento ao nosso lugar de origem, assim, tentando através da educação mostrar que da nossa terra poderemos ser e colher bons frutos.

REFERÊNCIAS

ARDIF, M.; LESSARD, C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.

BONDÍÁ, Jorge Larrosa, **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. In: Revista Brasileira da Educação, Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

BONDÍÁ, Jorge Larrosa. **A experiência e suas linguagens**. In: Tremores: Escritos Sobre Experiência. Jorge Larrosa. São Paulo, Autêntica. 2014.

BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. In: Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 91-107.

BARROS, J. **A formiguinha e a neve**. São Paulo: Moderna, 2001. BORGES, R.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 25 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOSSOY, Boris. **A Fotografia como fonte histórica**: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. SP: SICCT, 1983.

LE GOFF, Jacques. **Memória - História**. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Casa da Moeda-Imprensa Nacional, 1985. Vol. I.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PÓVOA, M. L. S.; SUDBRACK, M.F.O. **Resgatando a autoridade na família e na escola.**

